



INTERÂMBIO

Religiões de Nova Era em Belém, Pará: entre o cosmopolitismo e a identidade local

New Age Religions in Belém, Brazil: Between Cosmopolitism and Local Identity

Daniela Cordovil*

Resumo: Este artigo analisa a penetração de grupos e doutrinas religiosas ligados ao fenômeno da Nova Era na região metropolitana de Belém. Apesar de apontar a existência de grupos sem liderança fixa e de buscas individuais ecléticas, a pesquisa também discute a existência de um conjunto de religiões cujas doutrinas são inspiradas em paradigmas ligados à Nova Era, porém suas vivências dão forte ênfase ao elemento coletivo. Caracterizo esses grupos como *Religiões de Nova Era*, pois agregam os valores da Nova Era a um sentido de coletividade, construído a partir de padrões inscritos na modernidade. A penetração de *Religiões de Nova Era* em Belém indica uma maior pluralização do campo religioso na Amazônia, influenciado pelas novas possibilidades de vivências e de construções identitárias surgidas na modernidade.

Palavras-chave: Nova Era, modernidade, religiões alternativas, neoesoterismo, misticismo

Abstract: This article examines the penetration of groups and religious doctrines connected with New Age phenomenon in Belém, Pará. While highlighting the existence of groups with no fixed leadership and eclectic individual searches, the research also discusses the existence of a set of religions and doctrines with give strong emphasis to the collective element. I characterize those groups as New Age Religions because they add value to a New Age sense of community, built from patterns inscribed in modernity. The existence of New Age Religions in Belém indicates pluralization of the religious field in the Amazon, influenced by new experiences and identities that arose in modernity.

Key words: New Age, modernity, alternative religions, esoterism, mysticism

* Doutora em Antropologia Social pela Universidade de Brasília, UnB (2006). Professora do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade do Estado do Pará (UEPA). Líder do grupo de pesquisa Neoesoterismo e Religiões Alternativas (NERA).

Introdução

A partir da década de 1960 transformações sociais surgidas no pós-guerra, como o aumento do tempo de escolaridade e a expansão do contingente populacional que vive em cidades, possibilitaram a emergência da juventude como agente de mudança social¹. Os jovens, confinados por muitos anos vivendo juntos em *campus* universitários, passaram a desenvolver uma consciência de grupo e uma crítica aos valores hegemônicos que deram origem ao movimento conhecido como contracultura.

A contracultura se caracterizou por uma crítica ao capitalismo e aos seus valores, promovida majoritariamente por jovens que repudiavam o modo de vida ocidental centrado na busca pelo sucesso profissional, pelo consumismo e pela reprodução da família patriarcal. Esses jovens se engajaram em protestos pacifistas nos Estados Unidos contra o imperialismo e a guerra do Vietnã e no movimento de mulheres, enquanto no Brasil se ligaram a movimentos artísticos como a Tropicália, os Centros Populares de Cultura (CPCs) e na luta contra a ditadura militar².

A contracultura deu origem à cultura *hippie*, de jovens de cabelos longos e adeptos do movimento *Pé na Estrada*. Inspirados na obra homônima do escritor Jack Kerouac, viajavam para o Oriente e para países de terceiro mundo em busca de inspiração e exotismo. Inauguraram também um modo de vida nas chamadas *comunidades alternativas*, espaços de recolhimento onde vivem coletivamente pessoas que rejeitam os valores capitalistas e da sociedade de consumo³.

No campo da espiritualidade, essas inquietações foram a porta de entrada, no Ocidente, para uma maior disseminação de filosofias e princípios orientais que pregam a unicidade entre homem-natureza, a busca de equilíbrio interior através de práticas como a meditação, o yoga e o tantra. Movimentos como a ISKCON (Sociedade Internacional para a Consciência da Krishna), a Igreja Messiânica e o Seicho-no-iê podem servir de exemplo da penetração de filosofias orientais no Ocidente. Por outro lado, também houve uma busca por resgatar ou reinventar valores de civilizações antigas do Ocidente como a dos celtas, cujas crenças religiosas formam a base da Wicca e do Druidismo, e os egípcios, fonte de inspiração para ordens iniciáticas como a Rosacruz.

O movimento *hippie* e seus desdobramentos neoesotéricos também foram a porta de entrada para a valorização das culturas nativas americanas e de outros continentes, especialmente no que diz respeito ao xamanismo. O neoxamanismo, popularizado pelas obras de Carlos Castañeda, hoje possui adeptos em diversos contextos urbanos no Brasil e no mundo⁴.

¹ E. HOBSBAWN, *A Era dos Extremos*, pp.314-336.

² W.CALDAS, 1968, *A Referência da Revolução*, pp.51-64.

³ A.C.SANTOS, *Comunidades Alternativas*.

⁴ J.G.C. MAGNANI, *Xamãs na Cidade*.

Este artigo se propõe a analisar a penetração dessa espiritualidade na cidade de Belém, Pará. O campo religioso em Belém foi formado pela combinação das religiões de origem indígena, como a pajelança, com o Catolicismo e as religiões de matriz africana.

Na cidade, realiza-se anualmente no segundo domingo de outubro a maior procissão católica do Brasil, o Círio de Nossa Senhora de Nazaré. No interior do Estado, é forte a influência da pajelança cabocla, um conjunto de práticas xamânicas sincréticas, realizadas para obter a cura de doenças⁵. Nesse cenário, surpreende encontrar no Estado do Pará, tanto na capital, quanto no interior, manifestações religiosas ligadas ao neoesoterismo. No entanto, elas estão presentes e, como já foi apontado em estudos realizados em outras regiões do Brasil, configuram-se como alternativas ao Cristianismo, espiritualidade dominante na região.

As Religiões de Nova Era

As novas formas de busca pelo sagrado foram classificadas como Nova Era⁶, neoesoterismo⁷, nova consciência religiosa⁸ ou grupos místico-esotéricos⁹. Esta religiosidade caracteriza-se pelo trânsito do sujeito religioso por vários espaços sagrados e pela centralidade na busca individual em detrimento de instituições e lideranças religiosas. Nessa busca, podem ser apropriados saberes e doutrinas espirituais que tem origem no Oriente ou em civilizações antigas, como os celtas (Wicca, druidismo), o Egito Antigo (Ordem Rosacruz e sociedades secretas) e os indígenas americanos (neoxamanismo).

Com o advento da contracultura, os termos *Nova Era* ou *Era de Aquário*¹⁰ passaram a ser utilizados para caracterizar as transformações espirituais pelas quais estaria passando a humanidade no final do século XX, que indicariam a entrada em um novo ciclo. Esses termos fazem referência à mudança de era astrológica por qual estaria passando o planeta Terra após a segunda metade do século XX, e que passaria a vigorar a partir do ano 2000. Para os adeptos da Nova Era, estaríamos vivendo hoje a Era de Aquário, caracterizada por uma intensa busca espiritual e de integração entre mente e

⁵ H.MAUÉS. *A Ilha Encantada*. pp.202-246.

⁶ J.G.C.MAGNANI. *O Brasil da Nova Era*, pp.9-14 e A.D'ANDREA. *O Self Perfeito e a Nova Era*. pp.53-70.

⁷ J.G.C.MAGNANI. *Mystica Urbe*, pp. 9-13.

⁸ R.BELLAH. *A Nova Consciência Religiosa e a Crise da Modernidade*.

⁹ D.SIQUEIRA. *Novas religiosidades na Capital do Brasil*.

¹⁰ Este termo foi popularizado pelo musical da Broadway, posteriormente transformado em filme, *Hair* cuja música tema se chama *Aquarius*.

corpo, contrariamente à Era de Peixes, que se encerra; caracterizada pelo Cristianismo, cujo símbolo máximo é a figura de Jesus Cristo¹¹.

Para Magnani¹², as vivências religiosas da Nova Era se caracterizam pelos espaços onde são realizadas e pelo público que os frequenta. O autor classificou os principais espaços de vivência desta religiosidade em quatro tipos: 1) sociedades iniciáticas, 2) centros integrados, 3) centros especializados e 4) espaços terapêuticos individuais. Os primeiros compreendem associações de caráter transnacional, como Nova Acrópole, Ordem Rosacruz, Teosofia, etc., em que se discute uma doutrina, geralmente de caráter iniciático. Os centros integrados e centros especializados são locais nos quais são realizadas vivências, workshops, práticas terapêuticas, cursos e oficinas; eles estão ligados a terapeutas holísticos que atuam em grupo, combinando ou não diferentes tendências terapêuticas. Por fim, o autor classifica como espaços terapêuticos os locais ocupados por terapeutas que atuam individualmente ofertando serviços cuja filosofia está ligada à Nova Era.

A filosofia por trás da Nova Era inspira-se no paradigma holístico que busca a superação da dicotomia entre homem e natureza que serviu como base ao projeto de uma ciência neutra ou objetiva. Para o pensamento holístico, todo conhecimento é visto como parte de um todo, no qual o ser humano passa a ser percebido como parte integral da natureza. A relação não dicotômica entre homem e natureza estava presente nas sociedades pré-cristãs ou não ocidentais e faz parte do conjunto de valores que a Nova Era visa promover ou resgatar.

Essa visão de mundo serve de base para muitas terapias, técnicas ou saberes, a maioria deles de origem não ocidental, que são utilizados para restaurar a unicidade entre o indivíduo e o seu meio, um equilíbrio perdido com a visão fragmentada de sujeito construída no Ocidente. Por esse motivo, tal tipo de espiritualidade também pode ser chamada de *alternativa* para referir-se à sua pretensão de fornecer uma visão de mundo alternativa ao pensamento hegemônico no Ocidente.

Muitos desses saberes são partes de tradições milenares deixadas à margem da ciência ocidental, como a astrologia, ou de conhecimentos tradicionais existentes no Oriente e até pouco tempo desconhecidos no Ocidente, como a acupuntura ou o reiki. Mas podem também compreender uma série de práticas de origem recente, como as danças circulares, a biodança, o pathwork, etc.

Segundo Teixeira, o paradigma holístico nasce da crise da racionalidade newtoniana-cartesiana e postula a transdisciplinaridade. Para a autora:

¹¹ A.M.ARDUÍNO; R.A.ALVES. *A Era de Aquarius*, p.9.

¹² J.G.C.MAGNANI. *Mystica Urbe*, pp. 9-10.

A postura transdisciplinar é uma atitude de encontro entre ciência e tradição, entre ciência e sabedoria. A transdisciplinaridade reata a ligação entre os ramos da ciência com os caminhos vivos de espiritualidade¹³.

Hoje é possível verificar, mesmo no Brasil, a oferta de cursos de astrologia¹⁴, yoga¹⁵, reiki¹⁶ e acupuntura¹⁷ no seio da Universidade. Por outro lado, os especialistas nesses saberes possuem uma rede de conhecimento paralelo à academia, muitas vezes organizada nos mesmos moldes desta. Alguns exemplos de instituições transmissoras de saberes holísticos que funcionam de forma paralela às universidades são: Universidade Rosacruz, Universidade de Yoga, Universidade Aberta, Universidade Holística, etc. Nessas instituições são transmitidos, nos moldes acadêmicos, os saberes anteriormente deixados à margem das academias por não se enquadrarem na matriz de pensamento da ciência moderna. Tais instituições possuem currículos e conteúdos e outorgam diplomas usando a mesma lógica e racionalidade da educação ocidental.

Uma das características das práticas religiosas da Nova Era é a ênfase no indivíduo e na sua busca espiritual, que, muitas vezes, assume um caráter terapêutico¹⁸. Mas tais vivências também podem estar contidas em algumas religiões, ou movimentos religiosos, que se baseiam em releituras de filosofias e religiões antigas ou já extintas, propondo uma reconstrução dessas religiões adaptada ao mundo moderno. São exemplos destas religiões a Wicca, o Hare Krishna, a Igreja Messiânica, o Santo Daime, a União do Vegetal, o Druidismo e muitas outras. Nesse sentido, proponho o uso do termo *Religiões de Nova Era* para caracterizar sistemas religiosos de origem recente, cuja doutrina tem como foco a superação de dualidades características do pensamento moderno, como a separação mente/corpo, homem/natureza, masculino/feminino, etc. Essas religiões são inspiradas em princípios esotéricos característicos da Nova Era, mas não são percebidas pelos seus adeptos apenas como *técnicas* ou *terapias*. São buscadas enquanto religiões na medida que possuem um corpus doutrinário hierárquico e, na maioria das vezes, pedem um pertencimento exclusivo.

¹³ E. TEIXEIRA. Reflexões sobre o paradigma holístico e saúde.

¹⁴ Já foram realizados cursos de extensão em astrologia na Universidade de Brasília (UnB), Universidade Cândido Mendes (UCAM).

¹⁵ A Universidade Gama Filho ministra cursos de extensão em yoga.

¹⁶ A Faculdades Integradas Hélio Afonso (FACHA), Universidade do Vale dos Sinos (UNISINOS) possuem cursos de extensão em reiki.

¹⁷ A Universidade Gama Filho possui pós-graduação em Acupuntura.

¹⁸ S.MALUF. Mitos Coletivos, narrativas pessoais.

Nova Era no Pará e em Belém

Alguns estudos sobre pajelança no interior do Pará apontaram a presença de traços da Nova Era ou de uma nova espiritualidade em fusão com práticas religiosas tradicionais amazônicas nas práticas de mulheres xamãs no município de Colares, na Zona do Salgado¹⁹, e em Soure, na ilha do Marajó²⁰.

Em Colares, nos anos 1970, chegou a xamã Maria Rosa, ou Rosa Azul como ficou conhecida, que deixou uma vida confortável em Belém para ir residir em uma pequena propriedade neste município onde desenvolvia rituais xamânicos e curas holísticas. Nas suas práticas, a xamã combinava elementos neoesotéricos que teve oportunidade de conhecer por meio de leituras e de cursos realizados enquanto residiu em Belo Horizonte, com práticas tradicionais da pajelança cabocla, aprendida com mulheres da região.

O sítio da xamã passou a ser um local de peregrinação para outros *hippies* e alternativos da época, que iam em busca de liberdade e novas práticas espirituais. Atualmente, é possível encontrar pessoas que fizeram parte do círculo de relações de Rosa frequentando diversos grupos e doutrinas espiritualistas na capital paraense, como o círculo Esotérico Estrela do Oriente, fundado por Zé Caeté. A xamã adquiriu destaque nas pesquisas acadêmicas sobre o fenômeno Nova Era no Pará, pois já foi alvo de uma tese de doutorado²¹ e existem outras pesquisas sobre ela em andamento.

Outra neoxamã amazônica com destaque no Estado do Pará e fora dele é Zeneida Lima. Autora do livro *O Mundo Místico dos Caruanas*, que foi tema de um enredo da Escola de Samba Beija Flor, campeão do Carnaval em 1999, Zeneida também inspirou um filme da cineasta Tizuka Yamasaki, ainda não lançado no Brasil. Ambas, Zeneida e Maria Rosa, foram consideradas por pesquisadores como exemplos de uma pajelança ecológica com influências da Nova Era que estaria se formado na Amazônia.

No entanto, não é apenas na pajelança ecológica de Zeneida e Maria Rosa que é possível encontrar combinações ecléticas entre a Nova Era e espiritualidades tradicionais amazônicas. Algumas manifestações religiosas de presença recente em Belém também buscam essa inspiração.

As Danças Circulares, técnica desenvolvida pelo bailarino polonês/alemão Bernhard Wosien (1908-1986), são praticadas em parques e áreas verdes da cidade. Esse bailarino inspirou-se nas danças de diversos povos para desenvolver uma técnica que combina movimentos de dança com a busca pelo equilíbrio e espiritualidade. Entre os

¹⁹ G.M.VILACORTA. Novas Concepções da Pajelança na Amazônia (nordeste do Pará).

²⁰ M.C.S.F.CAVALCANTI, *A Cura que vem do fundo*, pp.113-143.

²¹ G.M.VILACORTA. *Rosa Azul: uma xamã na metrópole da Amazônia*.

grupos que praticam danças circulares em Belém, a inspiração nos ritmos regionais como o Carimbó e o Siriá dividem o palco com danças de outros povos, a música popular brasileira e até mesmo como a música clássica.

A incorporação de elementos locais em uma *Religião de Nova Era* também se dá na Wicca. Esta religião tem origem na Inglaterra na década de 1950 a partir da divulgação da obra de Gerald Gardner, chega ao Brasil nos anos 1980 e em Belém na década de 1990. Há adeptos da Wicca que também praticam as danças circulares, ocorrendo atividades públicas conjuntas promovidas por ambos os grupos.

Em Belém, praticantes da Wicca realizam periodicamente rituais públicos em áreas verdes da cidade. Os rituais públicos são promovidos pela Arawicca, associação civil de abrangência nacional que tem como objetivo difundir a bruxaria moderna desmistificando a ideia de que se trataria de uma religião demoníaca, como foi pregado pelo Cristianismo durante a Idade média. Por isso, os rituais públicos têm um sentido político, além do religioso.

A prática religiosa da Wicca é desenvolvida majoritariamente no interior dos *covens*, pequenos grupos privados que realizam rituais apenas entre seus membros. Os rituais realizados pela Arawicca são abertos ao público e funcionam como porta de entrada na religião, pois a partir da frequência nestes rituais o interessado pode conhecer outras pessoas ligadas à bruxaria e mais tarde, segundo seu interesse, aderir a um *coven*.

Nos rituais da Arawicca existe a incorporação de elementos locais, como o culto a Matinta Pereira, entidade do folclore paraense cuja crença também é presente na pajelança cabocla. Na Wicca ela é cultuada como uma Deusa, juntamente com outras divindades do panteão indígena e afrobrasileiro, notadamente, divindades tupis como Cy e Anhangá e orixás nagô como Oxum, Xangô e Iansã.

Outra adaptação local da Wicca é o uso de banhos de ervas da Amazônia em rituais, assim como de perfumes e óleos regionais. No entanto, essas incorporações não ocorrem com o sentido deliberado de transformar a religião, conferindo-lhe identidade local. Os adeptos da Wicca e de outras *Religiões de Nova Era* acreditam na universalidade de suas práticas e, quando inserem elementos locais, estes elementos funcionam em pé de igualdade com outros que têm origem em outras regiões. Na Wicca, assim como se cultua Matinta Pereira e Cy, cultua-se Freya, Athenas, Hécate e outras muitas deusas de outros panteões.

Outra *Religião de Nova Era* expressiva em Belém é o movimento Hare Krishna, que conta com duas vertentes, a ISKCON, presente na cidade desde a década de 1970 e outra de origem mais recente, o Vrinda, fundado em Belém há três anos a partir de uma dissidência da ISKCON.

Entre os Hare Krishna a culinária vegetariana e a purificação através da disciplina alimentar são condição indispensável para o cultivo da espiritualidade. Por esse motivo, restaurantes vegetarianos dirigidos por devotos costumam tornar-se centros de

agregação destes grupos. O líder da ISKCON em Belém possui um restaurante vegetariano, o Govinda, que também funciona como um ponto de encontro para outras pessoas ligadas a religiões alternativas que não necessariamente fazem parte do movimento Hare Krishna.

O restaurante Govinda recebeu em 2013 o prêmio *melhor PF do Brasil*, promovido pela empresa Ticket, com o prato *maniçoba lacto-vegetariana*. A característica do restaurante, que o faz querido entre os belenenses *alternativos* ou não, é a incorporação de elementos da culinária regional em seus pratos, conciliando a culinária carnívora da região com princípios da culinária védica.

A maniçoba lacto-vegetariana, prato de maior destaque do restaurante, é um exemplo dessa conciliação. A maniçoba é uma comida típica da Amazônia brasileira, feita a base de maniva, um extrato obtido a partir das folhas da mandioca, que, por ser venenoso, necessita de sete dias de cozimento para se tornar comestível. Após obtida a maniva, ela é preparada com ingredientes de porco, de forma semelhante a uma feijoada. Na maniçoba lacto-vegetariana, esses ingredientes são substituídos por outros como verduras e queijos.

No entanto, a incorporação de deuses amazônicos à Wicca ou de alimentos amazônicos à culinária Hare Krishna acontece de forma periférica ao corpus doutrinário central das práticas destes grupos, que, no geral, tendem a ser preservadas sem modificações. Isto é compreensível, pois o grande atrativo destas religiões, segundo afirma Silas Guerriero²² para o Movimento Hare Krishna, é a busca do exótico como forma de diferenciação e alternativa à modernidade.

Essa, aliás, é uma característica da Nova Era praticada em Belém: a incorporação de elementos da identidade amazônica nunca é o principal projeto desses grupos, ela aparece como mais um elemento da cosmologia, dividindo espaço com outros, de características mais universais.

O adepto de uma *Religião de Nova Era* em Belém buscará afastar-se das referências culturais e religiosas tradicionais do local e construir um corpus de conhecimento a respeito da religião que passa a praticar. O hare Krishna estudará sânscrito e lerá o Baghavad Gita, o wiccaniano praticará a Roda do Norte, em que celebrará festivais de plantio e de colheita da mesma forma que celebravam os europeus do neolítico, o neodruída estudará a cultura Celta, e etc. Assim, a principal característica dessas religiões é justamente a busca por referenciais culturais que diferenciarão o adepto da cultura e da religiosidade local.

A Nova Era em Belém caracteriza-se por um público flutuante, semelhante ao encontrado por Magnani²³ em São Paulo, que frequenta espaços, workshops e vivências,

²² S.GUERRIEIRO. O Movimento Hare Krishna no Brasil.:

²³ J.G.C.MAGNANI. *Mystica Urbe*, pp. 39-49.

mas comporta também um conjunto de sistemas religiosos. As *Religiões de Nova Era* como o Hare Krishna e a Wicca aproximam-se do sentido de Igreja²⁴ pois possuem um corpus ritual e um conjunto de adeptos que vivenciam uma experiência religiosa coletiva.

Essas religiões são procuradas por pessoas de diferentes perfis e origens, que têm em comum a busca por espiritualidades alternativas ao pensamento religioso hegemônico na região. Entre as *Religiões de Nova Era* podemos encontrar em comum práticas como meditação, internalização do sagrado e as terapias holísticas, além de uma grande circulação de pessoas entre grupos e práticas. Dentre as *Religiões de Nova Era* mais expressivas em Belém podemos citar: Hare Krishna, Wicca, Santo Daime e demais religiões ayahuasqueiras, Soka Gakkai, Seicho-no-iê, Igreja Messiânica e o Vale do Amanhecer.

Há uma certa heterodoxia entre os adeptos das *Religiões de Nova Era* em Belém, que transitam facilmente entre movimentos e religiões ligados à Nova Era e também entre estas e outras de diferentes matrizes. Um exemplo é a grande quantidade de pessoas iniciadas e frequentadores de terreiros de religiosidade africana que também participam dos eventos e atividades da Wicca. Esses grupos, inclusive, realizam mensalmente uma atividade em conjunto, o *Encontro Social Pagão*.

Também existem em Belém religiões cuja prática concentra-se quase que totalmente no indivíduo e em sua busca pessoal de conhecimento. Um exemplo desse tipo de religião é o Druidismo, religião que busca recompor a fé e o ritual praticado pelos antigos celtas – ela possui menos de dez praticantes em Belém, entre adeptos e curiosos. O grupo realiza encontros para debates em praças e áreas verdes, mas a maior fonte de conhecimento dos praticantes está na internet e nas viagens, já que é possível conhecer outros druidas modernos por estes meios.

A ênfase na internalização do conhecimento religioso e na busca pessoal também é encontrada nas religiões ayahuasqueiras, cuja maioria dos centros concentra-se na cidade de Benevides, município pertencente à região metropolitana de Belém. Nessas religiões, o uso da beberagem ayahuasca é visto como um portal para o autoconhecimento e espiritualidade. As religiões ayahuasqueiras funcionam como um espaço a partir do qual se espraiam novas práticas religiosas, pois pessoas que frequentam um centro de unificação, onde a bebida é consumida em um ritual institucionalizado, podem coordenar e realizar rituais com o uso da ayahuasca em espaços menos estruturados, que funcionam na residência do adepto ou em pequenas propriedades rurais.

Existem alguns desses espaços na região de Colares, Zona do Salgado, próximos de onde viveu a curadora Maria Rosa. Apesar de haver alguma institucionalização da

²⁴ E.DURKHEIM. *As Formas Elementares da Vida Religiosa*, pp.74-79.

religião, sua prática se dissemina para além dos centros de unificação e pode acontecer em locais privados, dependendo muito mais da busca individual de cada um de seus adeptos. Apesar de condenado pelos mais ortodoxos, o uso da ayahuasca em rituais domésticos oficiados em pequenos grupos de pessoas pode funcionar como mais um instrumento pessoal na busca do sagrado. Em alguns desses grupos podem ocorrer combinações ecléticas entre a doutrina das religiões ayahuasqueiras com a pajelança cabocla e a Umbanda.

Há também os centros terapêuticos semelhantes aos descritos por Mangnani, entre os quais podemos citar três: o Namastê, o Espaço Vida e o Clima Ameno. Localizados em bairros nobres da cidade, esses centros não têm característica prioritariamente religiosa, funcionam a partir de cursos, vivências e workshops em que são realizadas atividades e terapias como a yoga e o patchwork. No entanto, as atividades dos centros não se restringem àquelas que podemos classificar como Nova Era - há também uma forte procura destes locais pelas lideranças das *Religiões de Nova Era*, especialmente do Hare Krishna e da Wicca, para realizar seus cursos e vivências, que acontecem com certa regularidade. Por exemplo, no Espaço Vida realizam-se semanalmente aulas de sânscrito ministradas por um devoto Hare Krishna e, mensalmente, reuniões do Círculo de Mulheres, uma atividade promovida pela Abrawicca.

Assim, podemos notar que as fronteiras entre as atividades coordenadas por grupos institucionalizados, que chamei de *Religiões de Nova Era*, e a Nova Era, com seus cursos, vivências e terapias, torna-se cada vez mais fluída.

Conexão com a cidade e/ou cidadãos do mundo

Para os adeptos das *Religiões de Nova Era* não existe contradição entre sua prática espiritual e as espiritualidades hegemônicas em Belém, como o Catolicismo. Existe até um caso, da Igreja Messiânica, que todos os anos ornamenta a frente de seu templo para a procissão do Círio de Nazaré, combinando o costume local de homenagear a passagem da santa com a sua prática de buscar a espiritualidade através da estética da confecção de arranjos florais (ikebana).

Já um dos líderes ISKCON relatou que o movimento teve início em Belém pois um devoto Hare Krishna, ao observar a procissão do Círio de Nazaré, percebeu que havia uma grande ligação dos moradores da cidade com a espiritualidade, o que o teria levado a criar um templo de sua religião em Belém.

Por outro lado, para uma praticante da Wicca, mais importante que o pertencimento regional é a conexão com outros centros de referência:

Eu sou amazônida, tendo uma prática religiosa da Europa, isso não existe, não existe essa barreira, não existe mais tempo nem espaço, não existe mais geografia, o que existe é a conexão, é o exercício da religiosidade²⁵.

Essa fala reflete uma percepção importante nos adeptos de novas espiritualidades: a necessidade de estar conectado para além da geografia e do espaço local, com pessoas do mundo todo que comungam do seu universo de crenças. Essa conexão é potencializada pela internet e pela facilidade de viagens de avião, que, de certa forma, encurtam o espaço numa característica da globalização. Para pessoas que praticam as *Religiões de Nova Era* em Belém, tais conexões são muito importantes, pois os adeptos locais são poucos e nem sempre praticam a mesma doutrina. Por exemplo, os seguidores do Druidismo em Belém chegaram a ser duas pessoas e talvez não passem, hoje, de uma dezena. No entanto, por meio de viagens, internet e encontros, é possível manter até uma prática solitária em nível local.

A principal mudança ocorrida na percepção de espaço durante a modernidade foi sintetizada pelo termo globalização, utilizado para designar fenômeno de encurtamento das distâncias pelo excepcional desenvolvimento dos meios de transporte e de comunicação. Podemos situar o início desse processo juntamente com a modernidade, que surge no alvorecer do colonialismo mercantilista. Com a colonização das Américas intensifica-se a integração entre as variadas partes do mundo que culminou com a internet e as empresas multinacionais.

A globalização impacta as relações pessoais no mundo contemporâneo pois esvazia o espaço, como ele é conhecido, já que através da tecnologia é possível vivenciar realidades cada vez mais distantes daquelas em que se encontra o sujeito. Para Giddens, essas mudanças tornam o espaço na modernidade algo fantasmagórico.

Nas sociedades pré-modernas, espaço e tempo coincidem amplamente, na medida em que as dimensões espaciais da vida social são, para a maioria da população, e para quase todos os efeitos, dominadas pela "presença" — por atividades localizadas. O advento da modernidade arranca crescentemente o espaço do tempo fomentando relações entre outros "ausentes", localmente distantes de qualquer situação dada ou interação face a face. Em condições de modernidade, o lugar se torna cada vez mais fantasmagórico: isto é, os locais são completamente penetrados e moldados em termos de influências sociais bem distantes deles. O que estrutura o local não é simplesmente o que está presente na cena; a "forma visível" do local oculta as relações distanciadas que determinam sua natureza²⁶.

²⁵ Entrevista concedida em 16/09/2013.

²⁶ A. GIDDENS. *As Consequências da Modernidade*, p.22.

Ou seja, na modernidade escasseiam cada vez mais as interações face a face. Essas interações são substituídas por mídias como a televisão e a internet. Por conta dos meios de comunicação, as interações entre pessoas são cada vez mais mediadas pela tecnologia. Esse fenômeno se torna particularmente interessante no que diz respeito à Nova Era. Em alguns desses grupos os adeptos nunca se viram pessoalmente, pois baseiam toda sua ritualística em contatos mediados pelos meios de comunicação como correio, internet, *Facebook*, etc.

Por exemplo, a AMORC - Antiga e Mística Ordem Rosacruz possui uma metodologia de ensino baseada no estudo individual de textos curtos, chamados de monografias. Esse estudo deve ser feito na casa do neófito, uma vez na semana, e os textos são enviados pelo correio mediante pagamento de uma pequena quantia. Os membros da ordem têm a opção de reunir-se em espaços físicos, chamados de Lojas e Capítulos, semanalmente. No entanto, alguém pode conhecer toda a filosofia da ordem, considerada de caráter secreto e iniciático, sem deslocar-se de sua casa, apenas recebendo e estudando as monografias enviadas pelo correio.

Podemos considerar esse um formato ainda tradicional de dispensa da presença, já que se baseia no envio de correspondências pelo correio, o que pressupõe uma certa materialidade dos ensinamentos a serem enviados: os livros, revistas, cartas, etc. No entanto, algumas das modernas tecnologias de comunicação têm introduzido mudanças ainda mais radicais nos modos de professar religiões. Existem hoje religiões que praticamente dispensam o contato face a face. Uma delas é o Druidismo. Os druidas modernos são bastante escassos no Brasil e baseiam todo o conhecimento que têm da sua religião em livros, em sua maioria acadêmicos. Por serem poucos, os fóruns de discussão na internet são a principal forma que utilizam para se conhecer e trocar ideias sobre a religião. Anualmente realizam um encontro presencial de caráter nacional, o Encontro Brasileiro de Druidismo e Reconstrucionismo Celta.

É muito comum, entre os adeptos da Nova Era, a prática de formações e busca de conhecimento com pessoas que estão fora de Belém. Em alguns grupos, após várias formações e anos de estudo, os praticantes podem se tornar *facilitadores*, termo nativo que indica alguém habilitado a dar cursos e repassar conhecimentos. Por conta dessa natureza de tais religiões, é possível encontrar praticantes em locais muito distantes daquele onde surgiu a doutrina. Muitos dos praticantes dessas religiões possuem um pertencimento mais forte aos grupos situados longe de Belém, os quais visitam periodicamente se correspondem por e-mail do que com outros adeptos locais. Entre os Hare Krishna são comuns períodos de afastamento, vivendo em comunidades rurais onde se pratica a filosofia de vida cotidianamente. Essas comunidades estão situadas no centro-sul do Brasil - a mais conhecida, Nova Gokula, fica em São Paulo.

Os encontros presenciais, mesmo que poucos, em algumas vertentes da Nova Era adquirem caráter especial. Neles, pessoas que nunca se viram pessoalmente podem

desenvolver uma intimidade incomum. Nos encontros, geralmente chamados de vivências, as pessoas podem trocar confidências, revelar aspectos íntimos de sua vida e quase sempre se tratam como se fossem amigos de longa data. Nesses momentos, os adeptos da Nova Era buscam recuperar a profundidade dos laços de sociabilidade existentes nas sociedades tradicionais.

Ainda segundo Giddens²⁷, as sociedades pré-modernas baseavam-se no valor confiança, que cimentava as relações sociais, ancoradas também em sistemas simbólicos, sociais e religiosos. Na modernidade não há nada que apoie a experiência do sujeito. Para Giddens, as sociedades modernas se caracterizam pela percepção do risco e incerteza que permeia as relações sociais. A vida no mundo contemporâneo depende do conhecimento dos sistemas peritos, compreendidos como uma gama de conhecimentos técnicos nos quais se baseiam todas as atividades na modernidade. Não existe mais um sentimento de unicidade ou sistema na percepção da vida cotidiana.

Pela falta dessa ancoragem, que já foi fornecida pelos sistemas religiosos no mundo tradicional, os adeptos de *Religiões da Nova Era* buscam incessantemente reconstruir seu universo de sentidos, produzindo formas de ligar-se uns aos outros e a suas cosmologias. O espaço na Nova Era é constantemente fragmentado pelas distâncias físicas e simbólicas que perpassam a vida nas metrópoles contemporâneas. As vivências e workshops são um recurso extremo do homem religioso para reestabelecer estes laços.

Outro elemento sintomático dessa busca por vínculos pré-modernos entre adeptos das *Religiões de Nova Era* é o próprio conteúdo simbólico destas religiões, que é retirado de tradições antigas, pré-cristãs. Nelas está embutida uma crítica ao Ocidente e seus valores, numa tentativa de ressignificar o espaço próximo e a modernidade vivida por cada um dos adeptos.

Em busca de uma ancestralidade perdida

As *Religiões de Nova Era* são criadas pela sociedade contemporânea; algumas, se não a maioria, possuem apenas algumas décadas de existência, porém valorizam os mistérios e saberes de um passado remoto, retirado de civilizações antigas e já extintas: antigos celtas, egípcios, sociedades tribais. Esse saber é acessado por meio da ciência. O conhecimento ritualístico e religioso dos adeptos das *Religiões de Nova Era* é construído com base em literatura acadêmica, produzida por especialistas, geralmente dos campos da Antropologia, História e Arqueologia, sobre essas civilizações. Os adeptos das novas religiões valorizam a tradição e autenticidade, mesmo que essa tradição seja acessada por meio de avanços de disciplinas científicas.

²⁷ A. GIDDENS. *As Consequências da Modernidade*, pp.32-37.

Michel Maffesoli²⁸ chama essa busca por comunhão característica da pós-modernidade de tribalismo, que se opõe a atomização dos indivíduos apontada por outros sociólogos. Para o autor, o sujeito da pós-modernidade busca reconstruir os vínculos de pertença através da convivência em pequenos grupos, que não necessariamente possuem um objetivo ou um conteúdo político. Essa sociabilidade se opõe à modernidade, na qual os indivíduos se reuniam em grupos políticos com objetivos racionais voltados a certos fins - o partido político é um exemplo desses grupos. Já as *tribos*, pós-modernas, são comunidades emocionais, no sentido que Weber atribui ao termo: nelas, as pessoas estão unidas pelo desejo de estar juntas, pelo aspecto estético desta comunhão. O elo unificador das tribos não necessariamente é religioso. Podemos encontrar este sentido de tribo até em colegas que bebem junto em um mesmo bar ao final do expediente:

O desenvolvimento vertiginoso das grandes metrópoles (megalópoles, seria correto dizer), que nos anunciam os demógrafos, pode somente favorecer essa criação de "aldeias na cidade", para parafrasear um título famoso. [...] As grandes cidades transformam-se em campos onde os bairros, os guetos, as paróquias, os territórios e as diversas tribos que os habitam substituíram as aldeias, lugarejos, comunas, cantões, de antigamente. Mas, como sempre, é necessário reunir-se em torno de uma imagem tutelar. O santo patrono venerado e celebrado será substituído pelo guru, pela celebridade local, pela equipe de futebol, ou pela seita de modestas dimensões.²⁹

A fluidez e emotividade das tribos torna esse conceito muito útil para entender a forma como se relacionam os adeptos das *Religiões de Nova Era*. As reuniões, encontros e pertenças não se estabelecem entre eles de forma definitiva, mas se classificam enquanto buscadores, que transitam por espaços, grupos e sistemas de conhecimento. A fluidez também é característica do próprio conhecimento utilizado para compor o *corpus* doutrinário dessas religiões, que não se compõe de dogmas ou de sistemas fechados, mas está sempre sendo reinventado.

Em oposição a essa fluidez e incerteza, é muito comum encontrar nessas religiões a busca de uma ancestralidade mais primitiva ou autêntica - são os grupos *reconstrucionistas*, que se propõem a praticar as religiões da maneira que existiam antes da civilização atual. Esse debate é muito presente entre praticantes da Wicca e do Druidismo, nas ordens de mistérios, como a Rosacruz, que diz manter práticas e ritos do Egito Antigo, em escolas de Yoga que se propõem na ensiná-la da forma como era

²⁸ M.MAFFESOLI. *O tempo das tribos*, pp.126-170.

²⁹ *Ibid.*, pp. 84-85.

praticada na Índia de cinco mil anos atrás. Existem grupos, como o Vale do Amanhecer e o Hare Krishna que se pensam como a única verdade religiosa da humanidade. Como se disse acima, diante de fluxos e incertezas, os adeptos de *Religiões de Nova Era* buscam redutos de segurança ontológica, cada vez mais escassa na modernidade.

Max Weber caracterizou a modernidade como período de desencantamento, perda a centralidade da religião na produção de verdades e do sentido da vida, local que passa a ser ocupado pela ciência e pela razão³⁰. A inegável expansão de diferentes religiões presenciada nas últimas décadas do século XX levou a um progressivo esvaziamento dessa teoria; para refutá-la, alguns autores passaram a falar em reencantamento do mundo - para outros autores, nunca teria existido o desencantamento. Esse movimento de retorno do homem contemporâneo ao sagrado é vivenciado na maioria das vezes longe das instituições religiosas tradicionais.

O século XX também foi marcado pelo avanço do processo de secularização que teve início no Renascimento, o que trouxe a perda da centralidade da religião na organização do mundo, da sociedade e dos saberes. Nesse processo, campos como a ciência, o direito e a técnica passam a ser regidos por princípios cada vez mais seculares, ou seja, eles buscam fundamento em si e não mais no conhecimento religioso. Por outro lado, o século XX também assistiu a uma crise de plausibilidade dos sistemas científicos. O paradigma da modernidade, surgido com o advento do Renascimento e que tem seu auge no Iluminismo, caracteriza-se pela objetividade do conhecimento científico, a separação radical entre sujeito e objeto e a aplicação de uma racionalidade instrumental na relação homem-natureza, em que esta última era vista como elemento passivo a ser explorado e apropriado pela razão humana.

O advento de duas guerras mundiais, a ameaça de conflito nuclear e a destruição do meio ambiente por conta de avanços tecnológicos levaram a uma crise desse paradigma. Segundo Giddens³¹, a modernidade é caracterizada percepção do risco e da incerteza. Tanto nas ciências naturais quando por parte de filósofos e humanistas, passou a ser voz corrente o questionamento das possibilidades de obtenção de um conhecimento objetivo, racional e seguro. Por outro lado, dependemos cada vez mais desses conhecimentos técnicos para a gestão da vida cotidiana.

Os adeptos de *Religiões de Nova Era* buscam uma fuga do vazio de significados característico da modernidade. Na Amazônia, região onde o mundo nunca se desencantou - já que os sistemas simbólicos e mitológicos ligados à floresta e à natureza não deixaram de povoar o imaginário religioso do homem amazônico -, a busca pela espiritualidade da Nova Era pode significar um reencontro entre as encantarias amazônicas e a pluralidade de identidades da modernidade.

³⁰ M. WEBER. *A Ciência como Vocação*, pp. 42-43.

³¹ A. GIDDENS. *As Consequências da Modernidade*, pp. 35-37.

Considerações Finais

As *Religiões de Nova Era* incorporam características da modernidade como o individualismo e da pluralização de identidades, porém suas práticas e discursos buscam reconstruir características das sociedades pré-modernas como os valores de confiança e presença.

Uma breve análise desse campo mostra que, apesar de numericamente pequenos, esses grupos já são expressivos na capital paraense. Essas religiosidades alternativas chegaram a Belém com a expansão do movimento *hippie* e os questionamentos dele advindos. Atualmente não estão restritas a uma geração mais velha, atraindo pessoas de todas as faixas etárias. Sua propagação não se dá de maneira linear a partir de um centro irradiador, pelo contrário, eles espriam-se por diversos locais e pessoas. Seus adeptos estabelecem conexões entre si, com os outros e com o espaço urbano. Sua presença em Belém remete à modernidade atualmente vivida pela metrópole amazônica, onde a instabilidade e incerteza levam as buscas existenciais e religiosas por caminhos inovadores.

A análise das *Religiões de Nova Era* na região metropolitana de Belém permite afirmar que, apesar da fluidez de suas práticas e dos trânsitos individuais existentes entre elas, é possível perceber um caráter coletivo atribuído a tais práticas. A adesão a essas religiões parece estar associada a uma resistência do indivíduo a entregar-se a pulverização de identidades característica da modernidade.

A busca pelo exotismo e por diferenciação também é uma característica dos adeptos dessas religiões, que procuram, por meio do seu pertencimento religioso, dominar conhecimentos referentes a civilizações e culturas muito afastadas da realidade amazônica. Nessa busca, o foco principal é o domínio de saberes exógenos, apreendidos por uma literatura que contém um *corpus* de conhecimento esotérico apoiado em disciplinas científicas. No entanto, nessa apropriação, elementos da identidade e cultura amazônica são incorporados, mesmo que periféricamente, às práticas Nova Era, criando novas espiritualidades com sabor local.

Referências

- ARDUÍNO, A. M. e ALVES, R. A. *A Era de Aquarius*. Curitiba: Biblioteca Rosacruz, 2006.
- BELLAH, R., A Nova Consciência Religiosa e a Crise da Modernidade. In: *Religião e Sociedade*, 13, 2, (1986): 18-37.
- CALDAS, W., 1968, A Referência da Revolução. In: *Estudos de Sociologia*, 14, 26 (2009): 51-64.

- D'ANDREA, A. *O Self Perfeito e a Nova Era*: individualismo e reflexividade em religiosidades pós-tradicionais. São Paulo: Loyola, 2000.
- DURKHEIM, E. *As Formas Elementares da Vida Religiosa*. 3ª. Edição. São Paulo: Paulus, 2008.
- FARO, M. C. S. *A Cura que vem do fundo*: um estudo sobre mulher e pajelança em Soure, Ilha do Marajó. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião. Universidade do Estado do Pará. Belém, 2012.
- GIDDENS, A. *As Consequências da Modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991.
- GUERRIERO, S. *Novos Movimentos Religiosos*: o quadro brasileiro. São Paulo: Paulinas, 2006.
- GUERRIEIRO, S. O Movimento Hare Krishna no Brasil: uma reinterpretação da cultura védica na Sociedade Ocidental. In: *REVER*, n.1, (2001): 44-56.
- HALL, S. *A Identidade cultural na pós-modernidade*. São Paulo: DP&A, 2006.
- HOBBSAWN, E. *A Era dos Extremos. O Breve Século XX, 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- MAFFESOLI, M. *O tempo das tribos*: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. 4ª. Edição.
- MAGNANI, J. G. C. *O Brasil da Nova Era*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- MAGNANI, J. G. C., Xamãs na Cidade. In: *Revista Usp*, 67 (2005): 218-227.
- MAGNANI, J. G. C. *Mystica Urbe*: um estudo antropológico sobre o circuito neo-esotérico na metrópole. São Paulo: Studio Nobel, 1999.
- MALUF, S. Mitos Coletivos, narrativas pessoais: cura ritual, trabalho terapêutico e emergência do sujeito nas culturas Nova Era. In: *Mana*, 11, 2 (2005): 499-528.
- MAUÉS, R. H., *A Ilha Encantada*. Medicina e xamanismo numa comunidade de pescadores. Belém, UFPA, 1990.
- ORO, A. P., Considerações sobre a Modernidade Religiosa. In: *Sociedad y Religión*, 14/15 (1996): 100-112.
- SANTOS, A. C., "Comunidades Alternativas": trilhas entre cuidados ecológicos e o cuidado de si. In: *Anais do XI Congresso Luso-afro-brasileiro de Ciências Sociais*. UFBA, Salvador, 2011, pp. 01-16.
- SIQUEIRA, D., Novas religiosidades na Capital do Brasil. In: *Tempo Social*, 14,1 (2002): 177-197.
- VILACORTA, G. M., Novas Concepções da Pajelança na Amazônia (nordeste do Pará). In MAUÉS, R. H.; VILACORTA, G. M. (org.). *Pajelanças e Religiões Africanas na Amazônia*. Belém: EDUFPA, 2008.
- VILACORTA, G. M. *Rosa Azul: uma xamã na metrópole da Amazônia*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Pará. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Belém, 2011.

TEIXEIRA E., Reflexões sobre o paradigma holístico e saúde. In: *Revista da Escola de Enfermagem USP*, 30, 2 (1996): 286-90.

WEBER, M. A Ciência como Vocação. In: *Ciência e Política: duas vocações*. São Paulo: Martin Claret, 2005.

Recebido: 03/02/2015

Aprovado: 19/04/2015